Lição 11: Existem três princípios das coisas naturais, nem mais, nem menos

Bekker: 189 a 11-b 29

82. Após o filósofo ter investigado a contrariedade dos princípios, ele começa aqui a indagar sobre o seu número.

Sobre isso, ele faz três pontos. Primeiro, ele levanta a questão. Em segundo lugar, onde diz: 'Eles não podem ser um...' (189 a 12 #83), ele exclui certas coisas que não são pertinentes a esta questão. Em terceiro lugar, ele retoma a questão, onde diz: 'Concedido, então, que...' (189 a 21 #89).

Ele diz, portanto, primeiramente que, após uma investigação sobre a contrariedade dos princípios, deve seguir-se uma indagação sobre o seu número, isto é, se são dois, ou três, ou mais.

83. Em seguida, onde diz: 'Eles não podem ser um...' (189 a 12), ele exclui aquelas coisas que não são pertinentes a esta questão. Ele mostra primeiro que não existe apenas um princípio, e em segundo lugar, onde diz: 'Nem podem ser...' (189 a 12 #84), ele mostra que os princípios não são infinitos.

Ele diz primeiro que é impossível existir apenas um princípio. Pois foi demonstrado [L10] que os princípios são contrários. Mas os contrários não são apenas um, pois nada é contrário de si mesmo; portanto, não existe apenas um princípio.

84. Em seguida, onde diz: 'Nem podem ser...' (189 a 12), ele apresenta quatro argumentos para mostrar que os princípios não são infinitos. O primeiro deles é o seguinte.

O infinito como tal é desconhecido. Se, portanto, os princípios são infinitos, eles devem ser desconhecidos. Mas se os princípios são desconhecidos, então aquelas coisas que vêm dos princípios são desconhecidas. Segue-se, portanto, que nada no mundo poderia ser conhecido.

85. Ele apresenta o segundo argumento onde diz: '... e em qualquer gênero...' (189 a 13). O argumento é o seguinte. Os princípios devem ser contrários primários, como foi mostrado acima [L10 #77]. Mas os contrários primários pertencem ao gênero primário, que é a substância. Mas a substância, visto que é um gênero, tem uma contrariedade primária. Pois a primeira contrariedade de qualquer gênero é aquela das diferenças primárias pelas quais o gênero é dividido. Portanto, os princípios não são infinitos.

86. Ele apresenta o terceiro argumento onde diz: 'também um número finito...' (189 a 15). O argumento é o seguinte. É melhor dizer que o que pode vir a ser a partir de princípios finitos vem de princípios finitos, em vez de princípios infinitos. Mas todas as coisas que vêm a ser segundo a natureza são explicadas por Empédocles através de princípios finitos, assim como são explicadas por Anaxágoras através de princípios infinitos. Logo, não se deve postular um número infinito de princípios.

87. Ele apresenta o quarto argumento onde diz: 'Finalmente, alguns contrários...' (189 a 17). O argumento é o seguinte. Os princípios são contrários. Se, portanto, os princípios são infinitos, é necessário que todos os contrários sejam princípios. Mas todos os contrários não são princípios. Isso é claro por duas razões. Primeiro, os princípios devem ser contrários primários, mas nem todos os contrários são primários, visto que alguns são anteriores a outros. Em segundo lugar, os princípios não devem vir uns dos outros, como foi dito acima [L10 #77]. Mas alguns contrários vêm uns dos outros, como o doce e o amargo, e o branco e o preto. Portanto, os princípios não são infinitos.

Assim, ele finalmente conclui que os princípios não são nem um nem infinitos.

88. No entanto, devemos notar que o Filósofo procede aqui por meio de disputa a partir de argumentos prováveis. Portanto, ele assume certas coisas que são vistas em muitos casos, e que não podem ser falsas tomadas como um todo, mas são verdadeiras em casos particulares. Portanto, é verdade que, de certa forma, os contrários vêm a ser uns dos outros, como foi dito acima [L10 #78], se o sujeito for tomado junto com os contrários. Pois aquilo que é branco depois se torna preto. No entanto, a brancura em si mesma nunca se transforma em negritude. Mas alguns dos antigos, sem incluir o sujeito, sustentavam que os contrários primários vêm a ser uns dos outros. Logo, Empédocles negou que os elementos vêm a ser uns dos outros. E assim Aristóteles significativamente não diz neste lugar que o quente vem a ser do frio, mas o doce do amargo e o branco do preto.

89. Em seguida, onde diz: 'Concedido, então...' (189 a 21), ele retoma a questão em discussão, a saber, qual é o número dos princípios. 'Sobre isso, ele faz dois pontos. Primeiro, ele mostra que não existem apenas dois princípios, mas três. Em segundo lugar, onde diz: 'Por outro lado...' (189 b 18 #95), ele mostra que não existem mais do que três princípios.

Quanto à primeira parte, ele apresenta dois pontos. Primeiro, mostra por meio de argumentos que não existem apenas dois princípios, mas que um terceiro deve ser acrescentado. Em segundo lugar, onde diz: "Se, então, aceitamos..." (189 a 34 #93), ele mostra que mesmo os filósofos antigos concordavam com este ponto.

90. Quanto à primeira parte, ele dá três argumentos. Ele diz primeiro que, uma vez que foi mostrado que os princípios são contrários e, portanto, não poderiam ser apenas um, mas são pelo menos dois, e ainda, como os princípios não são infinitos, resta considerar se existem apenas dois princípios ou mais de dois. Como foi mostrado acima [L10 #77] que os princípios são contrários, parece que existem apenas dois princípios, porque a contrariedade existe entre dois extremos.

Mas alguém poderia questionar isso. Pois é necessário que outras coisas venham a ser a partir dos princípios, como foi dito acima [L10 #77]. Se, no entanto, existem apenas dois princípios contrários, não é aparente como todas as coisas podem vir a ser a partir desses dois. Pois não se pode dizer que um deles faz algo a partir do outro. Pois a densidade não é por natureza tal que possa converter a rarefação em algo, nem a rarefação pode converter a densidade em algo. E o mesmo é verdadeiro para qualquer outra contrariedade. Pois a amizade não move a discórdia e faz algo a partir dela, nem o contrário acontece. Antes, cada um dos contrários muda alguma terceira coisa que é o sujeito de ambos os contrários. Pois o calor não faz a própria frieza ser quente, mas faz o sujeito da frieza ser quente. E, inversamente, a frieza não faz o próprio calor ser frio, mas faz o sujeito do calor ser frio. Portanto, para que outras coisas possam vir a ser a partir dos contrários, parece que é necessário postular alguma terceira coisa que será o sujeito dos contrários.

Não importa para o presente se esse sujeito é um ou muitos. Pois alguns postularam muitos princípios materiais a partir dos quais preparam a natureza dos seres. Pois disseram que a natureza das coisas é matéria, como será dito mais tarde no Livro II [L2].

91. Ele dá o segundo argumento onde diz: "Outras objeções..." (189 a 28). Ele diz que, a menos que haja algo além dos contrários que são dados como princípios, surge uma dificuldade ainda maior. Pois um primeiro princípio não pode ser um acidente que é predicado de um sujeito. Pois, como um sujeito é um princípio do acidente que é predicado dele e é naturalmente anterior ao acidente, então, se o primeiro princípio fosse um acidente predicado de um sujeito, seguir-se-ia que o que é 'de' um princípio seria um princípio, e haveria algo anterior ao primeiro. Mas se sustentamos que apenas os contrários são princípios, é necessário que os princípios sejam um acidente predicado de um sujeito. Pois nenhuma substância é o contrário de algo. Antes, a contrariedade é encontrada apenas entre acidentes. Segue-se, portanto, que os contrários não podem ser os únicos princípios.

Além disso, deve-se notar que neste argumento ele usa 'predicado' por 'acidente', já que um predicado designa uma forma do sujeito. Os antigos, no entanto, acreditavam que todas as formas são acidentes. Daí ele procede aqui por meio de disputa a partir de proposições prováveis que eram bem conhecidas entre os antigos.

92. Ele dá o terceiro argumento onde diz: "Novamente, sustentamos..." (189 a 33). O argumento é o seguinte. Tudo o que não é um princípio deve vir dos princípios. Se, portanto, apenas os contrários são princípios, então, já que a substância não é o contrário da substância, segue-se que a substância seria de não-substância. E assim o que não é substância é anterior à substância, porque o que vem de certas coisas é posterior a elas. Mas isso é impossível. Pois a substância, que é o ser *per se*, é o primeiro gênero do ser. Portanto, não pode ser que apenas os contrários sejam princípios; antes, é necessário postular alguma outra terceira coisa.

93. Em seguida, onde diz: "Se, então, aceitamos..." (189 a 34), ele mostra como a posição dos filósofos também concorda com isso.

Quanto a isso, ele faz dois pontos. Primeiro, mostra como eles postularam um princípio material. Em segundo lugar, onde diz: "Todos, no entanto, concordam..." (189 b 9 #94), ele mostra como eles postularam dois princípios contrários além deste princípio material.

No entanto, devemos primeiro notar que o Filósofo nos argumentos precedentes pareceu se opor, à maneira daqueles que disputam, a ambos os lados da questão. Pois primeiro ele provou que os princípios são contrários, e agora ele apresenta argumentos para provar que os contrários não são suficientes para a geração das coisas. E uma vez que argumentos disputativos chegam a algum tipo de conclusão verdadeira, embora não seja a [verdade] completa, ele conclui uma verdade a partir de cada argumento.

Ele diz que se alguém pensa que o primeiro argumento (que prova que os princípios são contrários) é verdadeiro, e que o argumento agora dado (que prova que os princípios contrários não são suficientes) também é verdadeiro, então, para manter ambas as conclusões, ele deve dizer que alguma terceira coisa está subjacente aos contrários, como foi dito por aqueles que sustentavam que todo o universo é alguma natureza una, entendendo natureza como matéria, como água, ou fogo ou ar, ou algum estado intermediário entre estes, como vapor, ou alguma outra coisa desse tipo.

Isso parece especialmente verdadeiro em relação a um intermediário. Pois essa terceira coisa é tomada como o sujeito dos contrários e como distinta deles de algum modo. Daí, aquilo que tem menos da natureza de um contrário sobre si é mais convenientemente postulado como o terceiro princípio além dos contrários. Pois o fogo e a terra e o ar e a água têm contrariedade anexada a eles, por exemplo, o quente e o frio, o úmido e o seco. Daí, não é irracional que eles façam o sujeito algo diferente destes e algo em que os contrários são menos proeminentes. Depois desses filósofos, no entanto, aqueles que sustentavam que o ar era o princípio falaram mais sabiamente, pois as qualidades contrárias encontradas no ar são menos sensíveis. Depois desses filósofos estão aqueles que sustentavam que a água era o princípio. Mas aqueles que sustentavam que o fogo era o princípio falaram mais pobremente, porque o fogo tem uma qualidade contrária que é mais sensível e que é muito ativa. Pois no fogo há uma excelência de calor. Se, no entanto, os elementos são comparados com referência à sua sutileza, aqueles que fizeram do fogo o princípio parecem ter falado melhor, como é dito em outro lugar, pois o que é mais sutil parece ser mais simples e anterior. Daí ninguém sustentou que a terra era o princípio por causa de sua densidade.

94. Em seguida, onde diz: "Todos, no entanto, concordam..." (189 b 9), ele mostra como eles postularam princípios contrários com o princípio material uno.

Ele diz que todos os que postularam um princípio material uno disseram que ele é figurado ou formado por certos contrários, como rarefação e densidade, que são redutíveis ao grande e ao pequeno e ao excesso e defeito. E assim a posição de Platão de que o um e o grande e o pequeno são os princípios das coisas também era a opinião dos antigos filósofos naturais, mas de uma maneira diferente. Pois os filósofos antigos, pensando que uma matéria era diferenciada por formas diversas, sustentaram dois princípios da parte da forma, que é o princípio da ação, e um da

parte da matéria, que é o princípio da paixão. Mas os platônicos, pensando que muitos indivíduos em uma espécie são distinguidos por uma divisão da matéria, postularam um princípio da parte da forma, que é o princípio ativo, e dois da parte da matéria, que é o princípio passivo.

E assim ele tira a conclusão que tinha em mente como a mais importante, a saber, que considerando as posições acima e similares, parece razoável que existam três princípios da natureza. E ele aponta que procedeu a partir de argumentos prováveis.

95. Em seguida, onde ele diz: 'Por outro lado...' (189 b 18), mostra que não há mais do que três princípios. Ele usa dois argumentos, sendo o primeiro o seguinte.

É supérfluo que aquilo que pode vir a ser por meio de poucos princípios venha a ser por meio de muitos. Mas toda a geração das coisas naturais pode ser realizada ao postular um princípio material e dois princípios formais. Pois um único princípio material é suficiente para dar conta da paixão.

Mas se houvesse quatro princípios contrários, e duas contrariedades primárias, seria necessário que cada contrariedade tivesse um sujeito diferente. Pois parece que há um sujeito primário para qualquer contrariedade. E assim, se, ao postular dois contrários e um sujeito, as coisas podem vir a ser umas a partir das outras, parece supérfluo postular outra contrariedade. Portanto, não devemos postular mais do que três princípios.

96. Ele apresenta o segundo argumento onde diz: 'Além disso, é impossível...' (189 b 23). Se há mais do que três princípios, é necessário que haja muitas contrariedades primárias. Mas isso é impossível, pois a primeira contrariedade parece pertencer ao primeiro gênero, que é um, a saber, a substância. Logo, todos os contrários que estão no gênero da substância não diferem em gênero, mas se relacionam como anterior e posterior. Pois em um único gênero há apenas uma contrariedade, a saber, a primeira, porque todas as outras contrariedades parecem ser reduzidas à primeira. Pois existem certas diferenças contrárias primeiras pelas quais um gênero é dividido. Portanto, parece que não há mais do que três princípios.

Deve-se notar, no entanto, que cada uma das seguintes afirmações é provável: a saber, que não há contrariedade nas substâncias, e que nas substâncias há apenas uma contrariedade primária. Pois se tomarmos substância como 'aquilo que é', ela não tem contrário. Se, contudo, tomarmos substância como diferenças formais no gênero da substância, então a contrariedade é encontrada nelas.

97. Finalmente, em forma de resumo, ele conclui que não há apenas um princípio, nem há mais do que dois ou três. Mas decidir qual destes é verdadeiro, isto é, se há apenas dois princípios ou três, envolve muita dificuldade, como fica claro pelo que foi dito anteriormente.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:32:47 by Admin
Updated 1 October 2026 23:34:46 by Admin